

Trabalho de Conclusão de Curso

Artes Visuais – CAP / ECA-USP

Amanda Franco, Jul/2023, com orientação do Prof. Claudio Mubarac

SEAS MÃOS. MÃOS SÃO UMA DELÍCIA DE DESENHAR, MENOS QUANTO ELAS NÃO QUEREM COOPERAR. E AS MÃOS DELE SEMPRE FAZEM FORMAS TUDO MUITO INTERESSANTES — A ESQUERDA, PRINCIPAL HABITUE, COM A CURVA DO DEDINHO E AS LINHAS DA PAUINA. ALGUNS DESENHOS SÃO TODOS POR AQUELA UMA MÃO, QUE PRECISA DE UM CORPO INFELIZ DE CONTEXTO.

EU AMO POESIA. E ESSE TRABALHO ME FEZ PENSAR EM MUITOS POEMAS — MAS PARECEM INJUSTO SÓ COPIAR TUDO TALI. E EU NÃO SOU POETISA, E NEM OUSEI TENTAR ESCRIVENDO ALGO ALÉM DE ALGUNS VERSOS ROUBADOS E COLADOS JUNTOS FORA DE CONTEXTO.

HA HA HA! EU ESPERO QUE VOCÊ, VENDO ESSES DESENHOS, CONIGA LIGAR COMO O POEMA DE AMOR QUE EUES ACABARAM SENDO — CADA UM POR UMA OBELIA, UMA OLHAE, UMA PINHA, UMA UNHA, TUDO UM CORPO QUE EU APREGANDI AO LONGO DESSE ANO, E QUE ME APRENDEU TAMBÉM.

































Sumário

1. Descrição do Trabalho
2. Processo e Poética
3. Projetos para o Futuro
4. Anexo 1 – Fotografias
5. Anexo 2 - Estudos



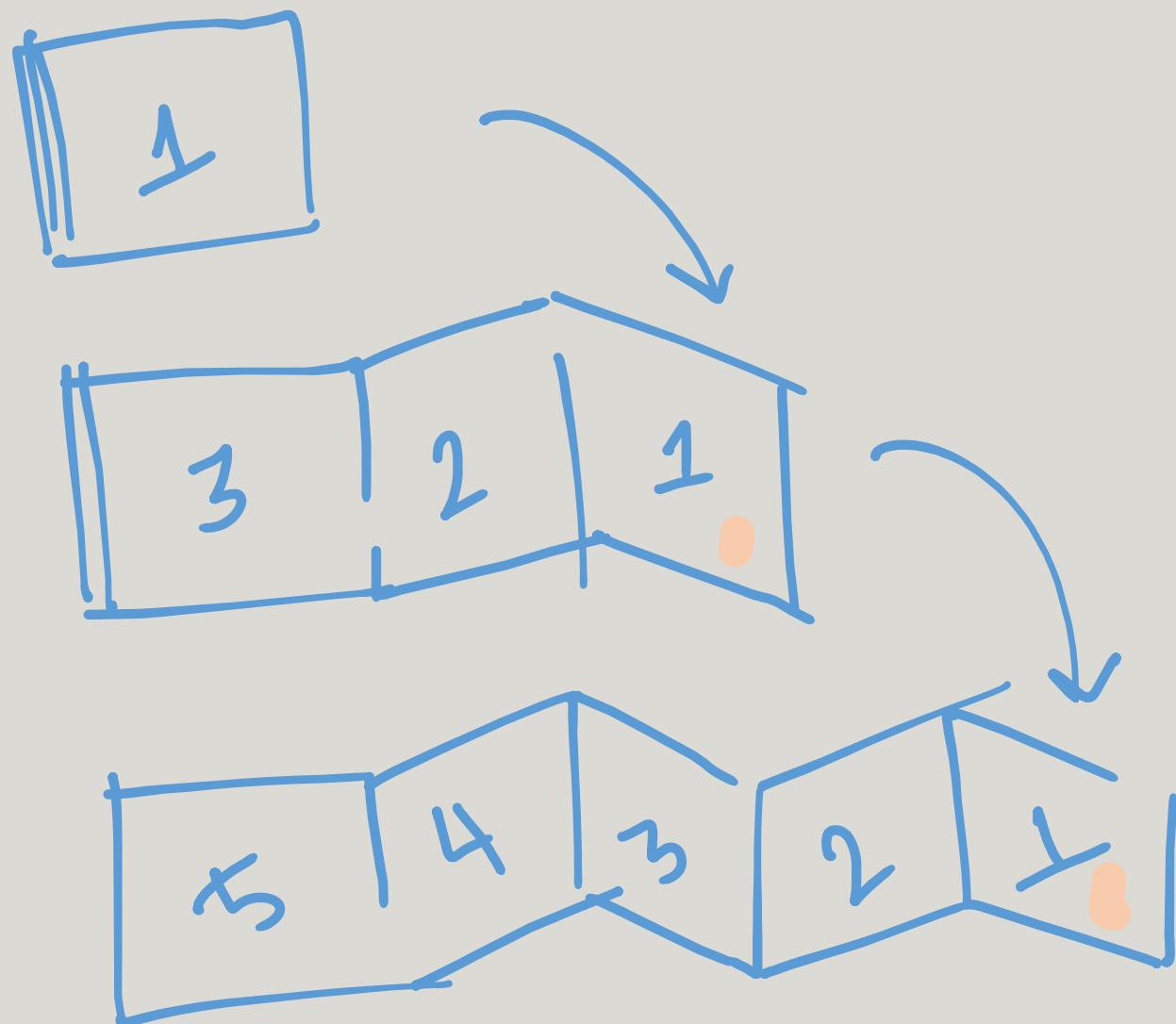
Descrição

O trabalho é composto de três séries – cada uma contendo cinco desenhos feitos à lápis de cor comum, de retratos nus ou seminus de uma mesma pessoa.

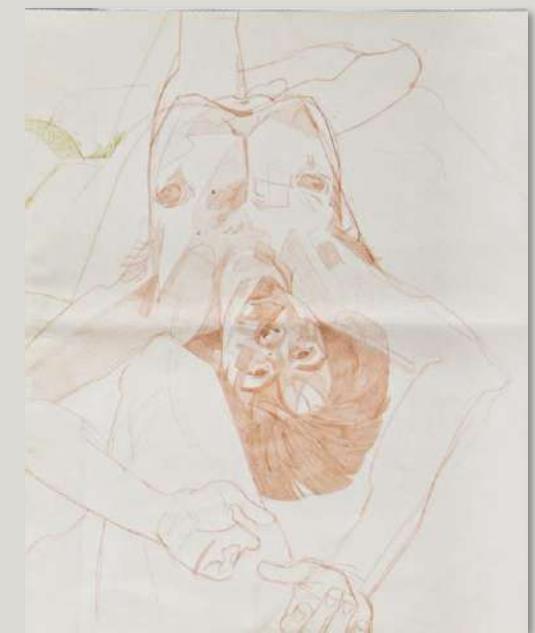
O papel é um formulário contínuo comum de marca não identificada, envelhecido em muitos anos e, portanto, amarelado – presente de minha avó, que costumava me dar materiais de artes que encontrava perdidos pela sua casa, antes de entrar na faculdade. Cada folha mede 28 x 34 cm, e, portanto, cada série mede 140 x 34 cm no total.

Cada série se abre em formato de sanfona, da esquerda para a direita, e tem várias possibilidades de aberturas e agrupamentos – as principais são três: (1) trabalho “fechado”, mostrando somente o primeiro desenho, (2) primeira abertura, na qual os três primeiros desenhos aparecem em ordem, e (3), segunda abertura, na qual os cinco primeiros desenhos aparecem em ordem.

Principais aberturas



Série 1



Série 2

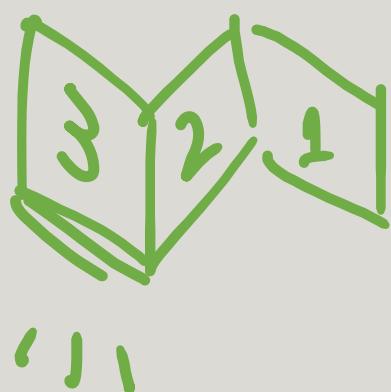
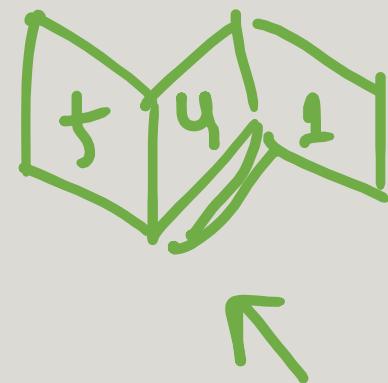


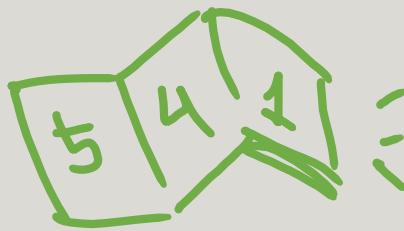
Serie 3



Demais aberturas ou agrupamentos envolvem abrir ou fechar o trabalho sem seguir o formato natural de sanfona do material – dobrando (e, portanto, “escondendo”) certas páginas. Fazendo isso, muda-se a organização original das séries, seja em quantidade ou ordem dos desenhos.

Série 1



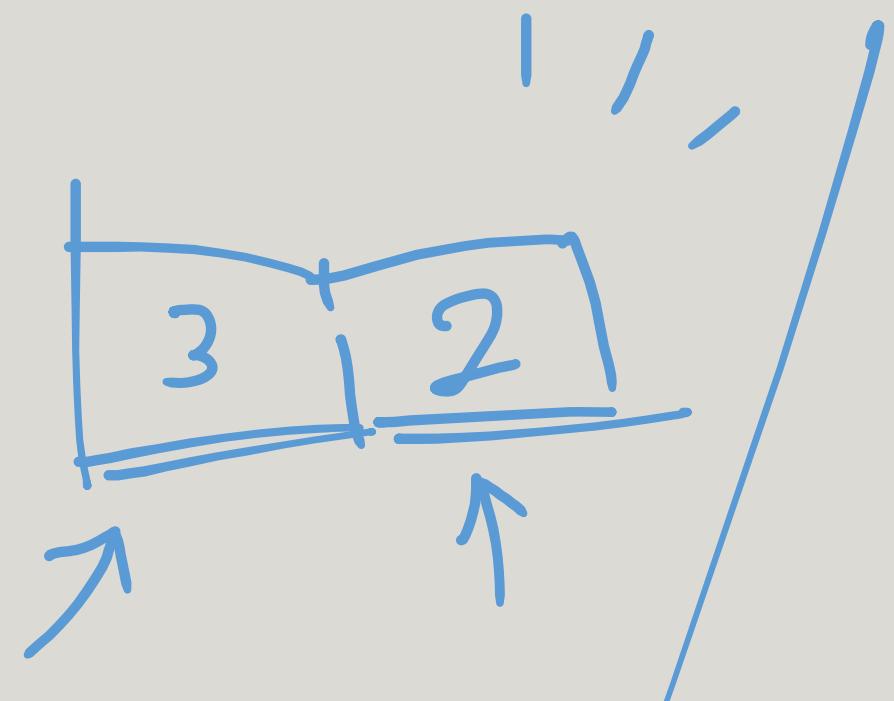
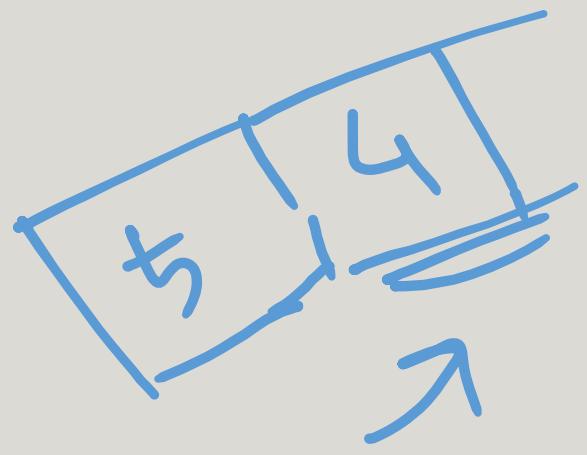


Série 2





Série 3



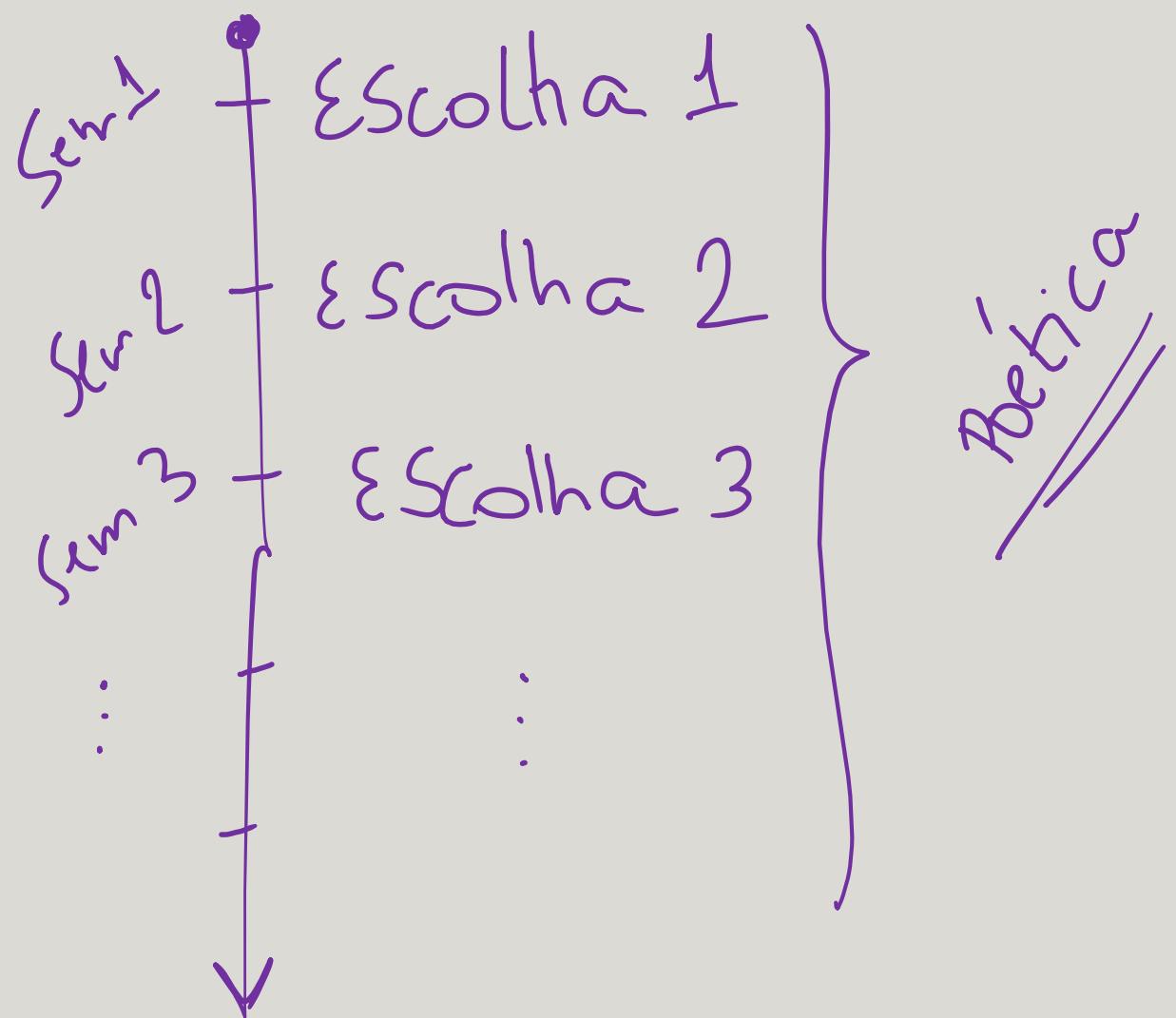
Por fim, as três séries seguem uma mesma ordem de cor – tendo o primeiro desenho (contando da direita para a esquerda) a cor laranja, o segundo verde, o terceiro azul, o quarto roxo e o quinto amarelo.



Processo e Poética

Introdução

Menos que desenvolver um trabalho de artes, meu objetivo com o TCC foi uma busca – tanto de encontrar espaço para a arte na minha vida (dominada por um emprego corporativo), quanto de voltar a ter prazer na arte (que havia se tornado algo como uma obrigação). Ao longo dessa busca de um ano, tive que fazer escolhas em relação a materiais, temas, rotinas, etc., que faziam sentido para mim neste momento. Deste processo e destas escolhas foi nascendo a poética e o trabalho que aqui apresento.



1) Como começar?

Estes dois objetivos levaram às minhas três primeiras – e mais fundamentais – escolhas: (1) trabalhar com o desenho, antigo companheiro abandonado em prol de novas técnicas como óleo e cerâmica, (2) trabalhar com a figura humana, minha maior paixão e interesse na arte, e, portanto, (3) buscar orientação do Prof. Mubarac, cujas aulas, minhas favoritas, resultaram nos melhores trabalhos destes seis anos de curso – em seu segundo semestre.

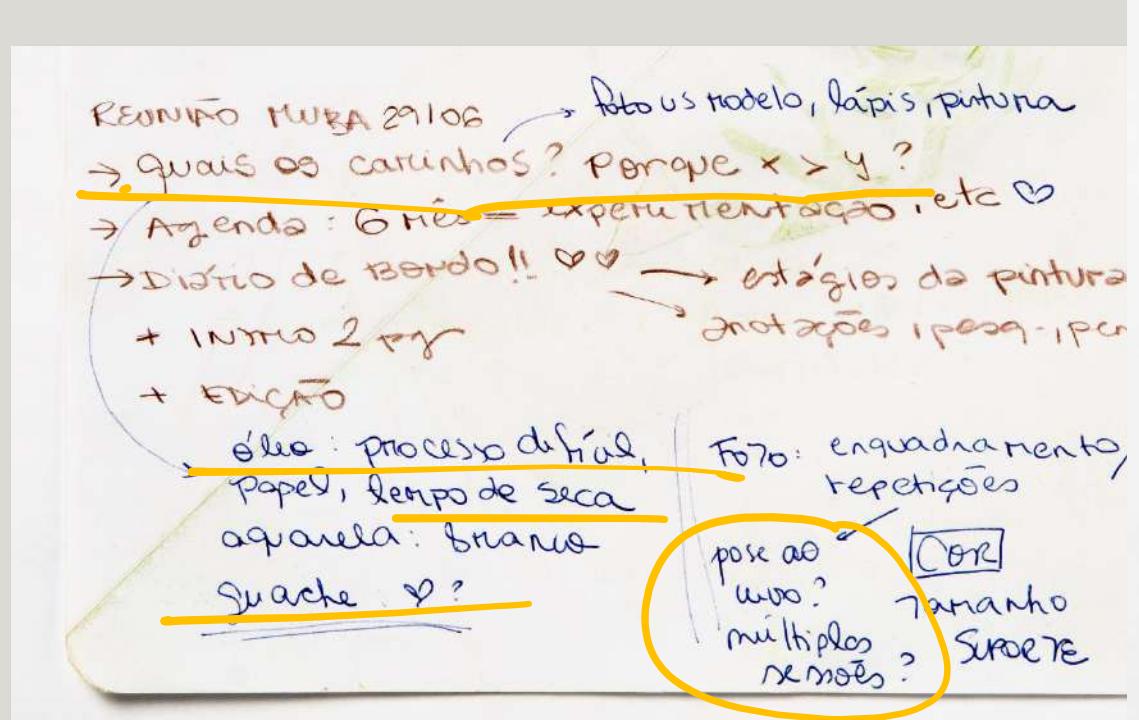
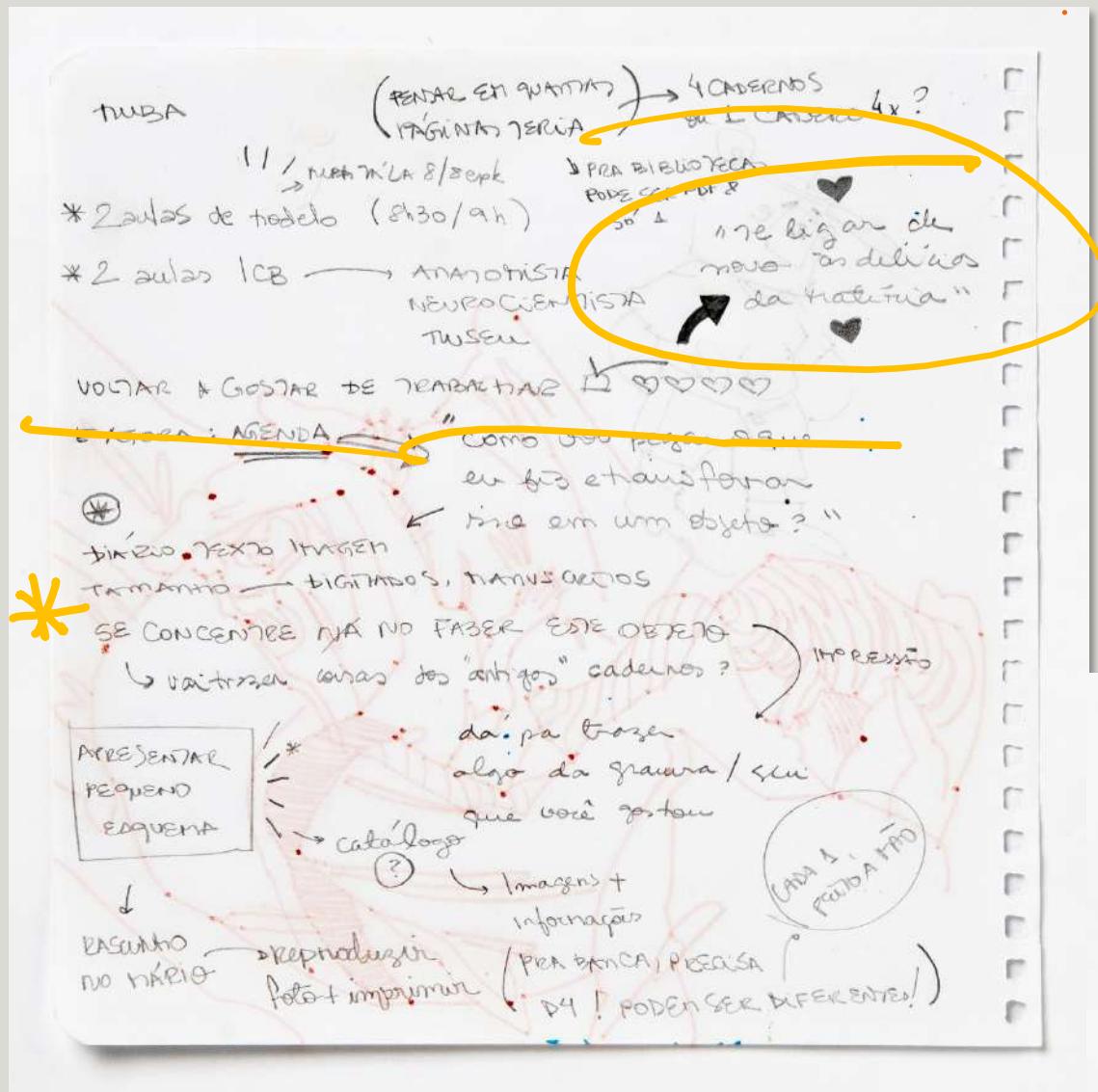


figura humana 2018

2) Quem desenhar?

Tendo escolhido trabalhar com a figura humana, tinha agora que escolher qual humano iria figurar. Me deparei com três principais opções: (1) reassistir aulas do Prof. Mubarac, para as quais não encontrei espaço, (2) produzir autorretratos, pelos quais não senti prazer, ou (3) retratar o Maurício, em quem descobri um prazer imenso e um espaço belo para o desenvolvimento da arte no desenvolvimento da nossa intimidade.





Anotações de conversas com meu orientador onde discutimos o objetivo do TCC e as diferentes possibilidades de material, tema e rotinas.

* PINTURA: SOL
 → CONTRATE → } MONOCHÔMICO
 → EFEITOS DE LUZ }
 → TRANSIÇÕES SUAVES } ZORN :(
 VS

* DESENHO: LINHAS / ÁREAS
 → LINHAS INTERESSANTES
 → FORMAS GEOMÉTRICAS
 → CORPO
 → ÁREAS DE SOMBRA & LUZ

→ Como JUNTAR AS DUAS COISAS?
 → Como NÃO PERDER DETALHES NA PINTURA?
 → Como NÃO DESISTIR DA PINTURA?

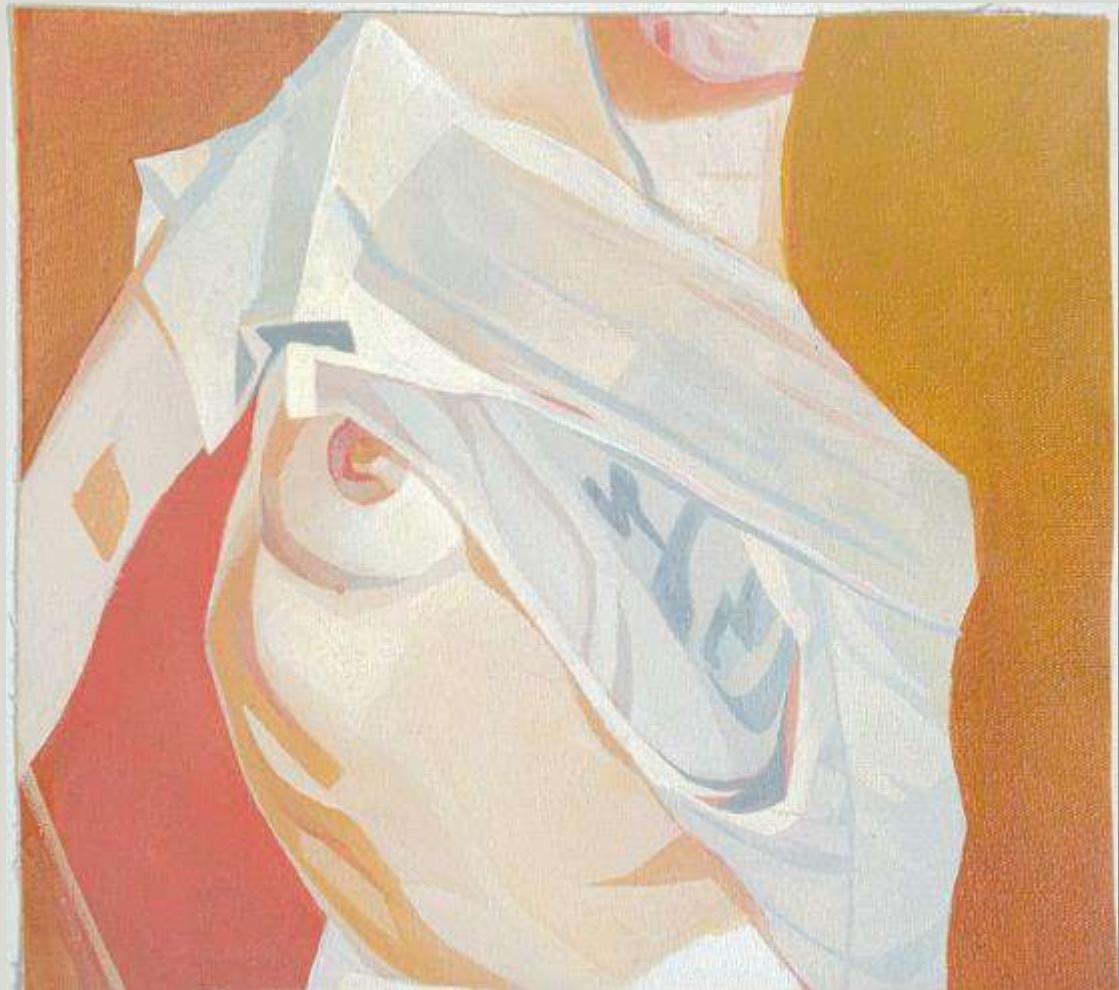
* TENTAR AQUARELA / QUACHE (QUAL?)
 * DIMENSÕES MENORES

gostei do aspecto
"não finalizado".
mas não da
caneta!

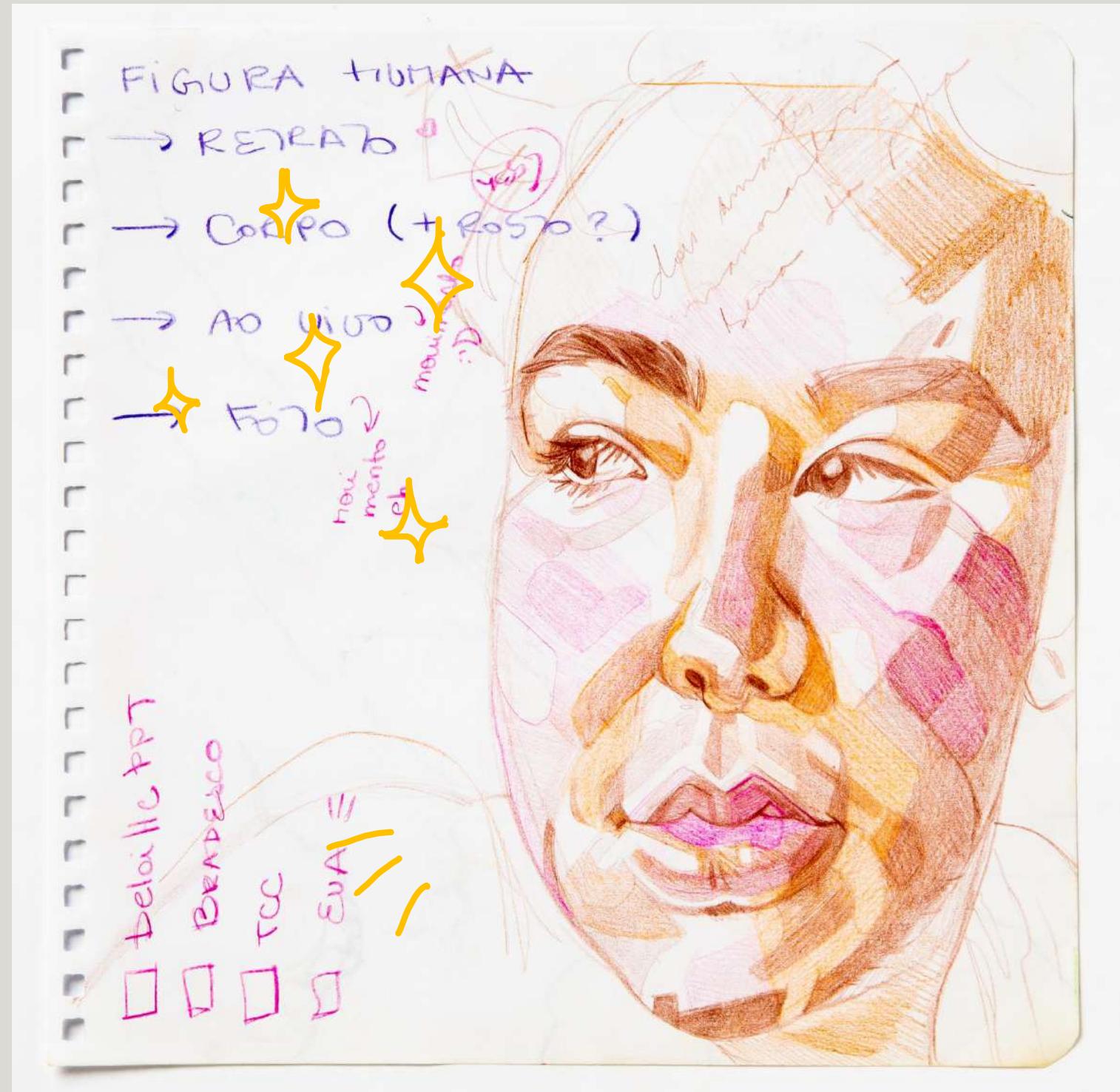


Bonito, mas foi
mais doloroso do que
prazeroso fazer

Tenho o hábito e gosto de produzir autorretratos, e acredito que, se tivesse seguido com a produção de autorretratos para o TCC, teria podido explorar temas interessantes sobre o eu e questões de autoimagem. Porém, depois de uma pandemia inteira com somente eu para representar, já estava cansada de me ver no papel.



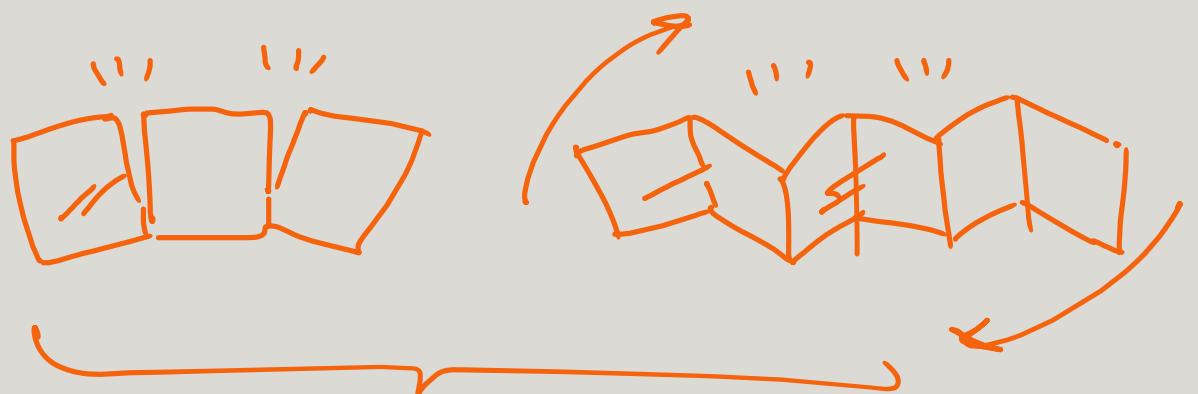
Maurício como tema, pelo contrário, parecia refrescantemente novo. Seu corpo é muito diferente do meu, que não estou acostumada a desenhar, e, caso ele aceitasse a proposta de ser meu modelo, o TCC seria uma bela oportunidade de explorar nossa relação e crescente intimidade. Além de tudo isso, se minha preocupação era voltar a sentir prazer com



a arte, Maurício já estava me proporcionando isso antes de pensarmos no trabalho juntos – em um caderno que ele me presenteou, com uma caneta emprestada dele, comecei a desenhar seus retratos aqui e ali, por pura vontade. Sua forma vaga enquanto corre, seu rosto rosado no sol, seus olhos escuros e brilhantes. Fotos antigas tiradas pelo celular. Depois de tanto tempo, reencontrei de novo a vontade de produzir.

3) E os materiais?

Experimentei guache, canetas, grafite etc., e escolhi o lápis de cor simples – meu companheiro desde a infância. Depois testei Craft, reciclado, papéis coloridos – e encontrei um velho pedaço de papel contínuo de impressão, presente da Vó de muitos anos atrás. Ele era lindo, levemente amarelado, fino como cetim, sanfonado, maior do que geralmente uso – motivos pelos quais evitei usá-lo todos esses anos. Decidi acabar com o preciosismo e explorar as possibilidades que este material apresentava.



MANTER CONTÍNUO?

USAR O VELHO?

QUAL DIREÇÃO?

CAPA?

4) Como estruturar tudo?

Explorei algumas opções de estrutura com o papel – queria trabalhar com o formato contínuo e sanfonado, que convidava seu manuseio, mas ele era longo e frágil, e, portanto, facilmente danificado. Acabei separando-o em três séries de cinco folhas. Desta forma, mantinha certa continuidade e abertura, facilitava seu manuseio, e criava uma nova dimensão para explorar: na banca, todos teriam o trabalho, mas não o todo.

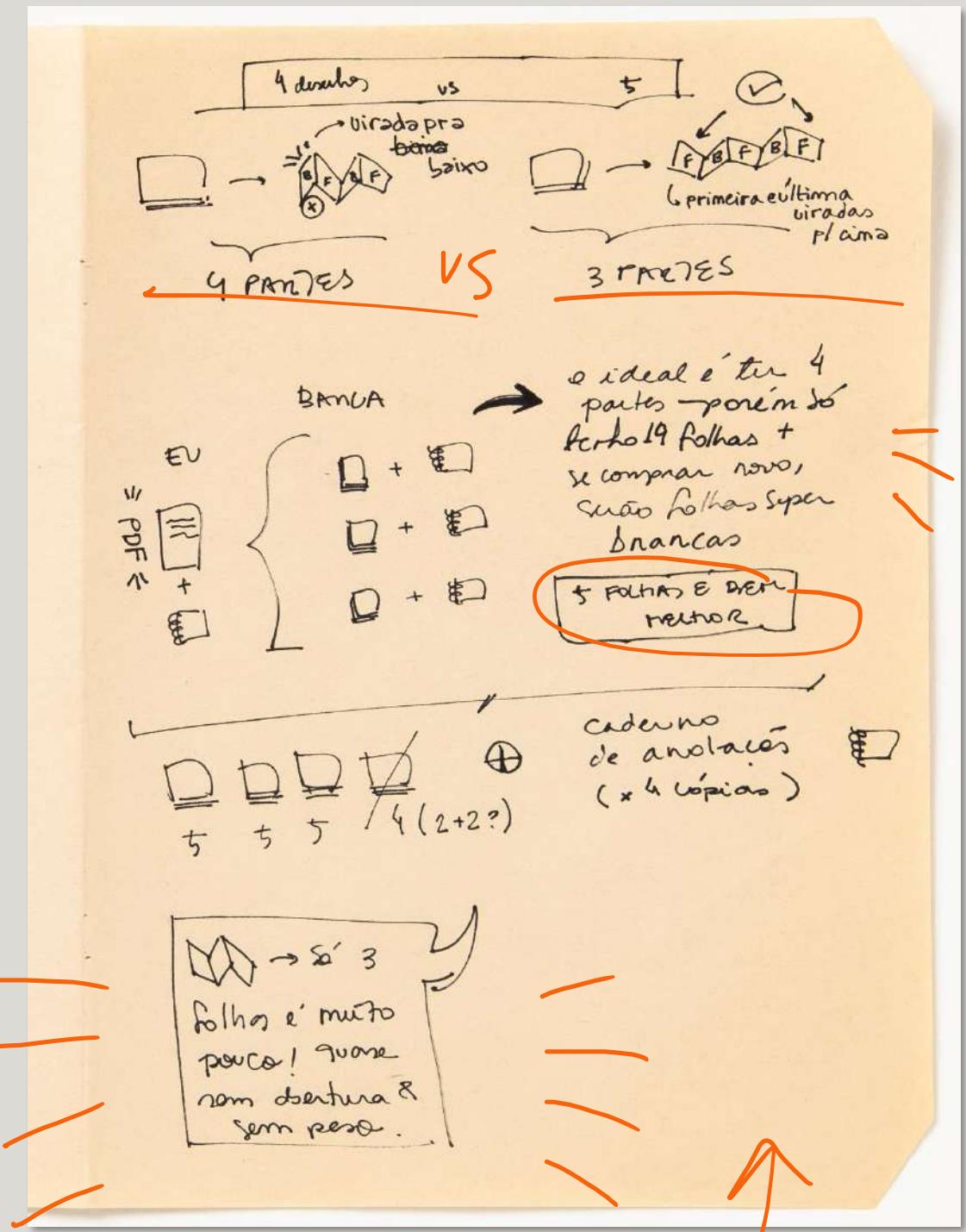
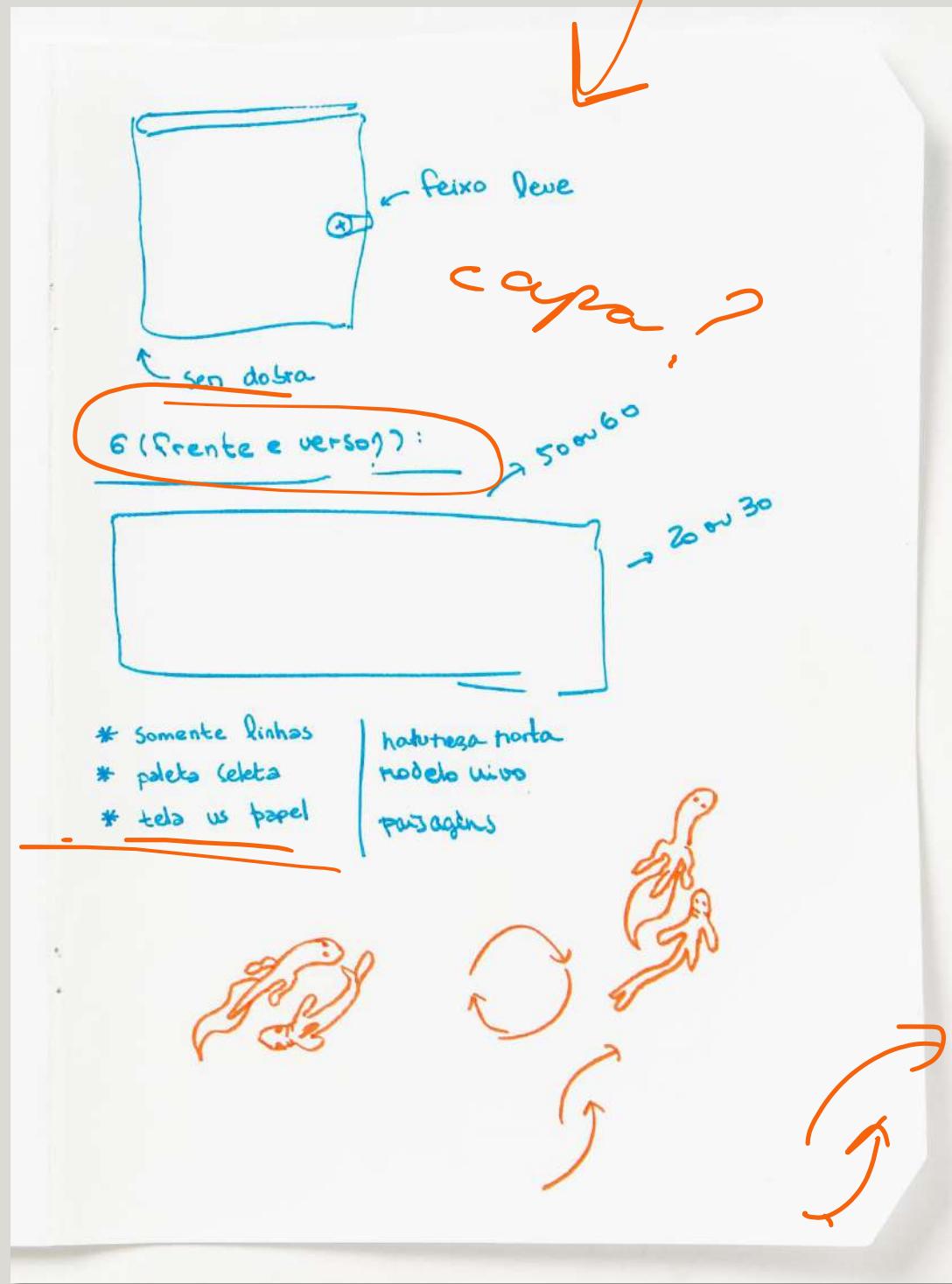
PAPER FRÁGIL

FAZER 3 GRUPOS DE 5 OU
5 GRUPOS DE 3



3 É POUCO! QUASE SEM
PESO & SEM ABERTURA

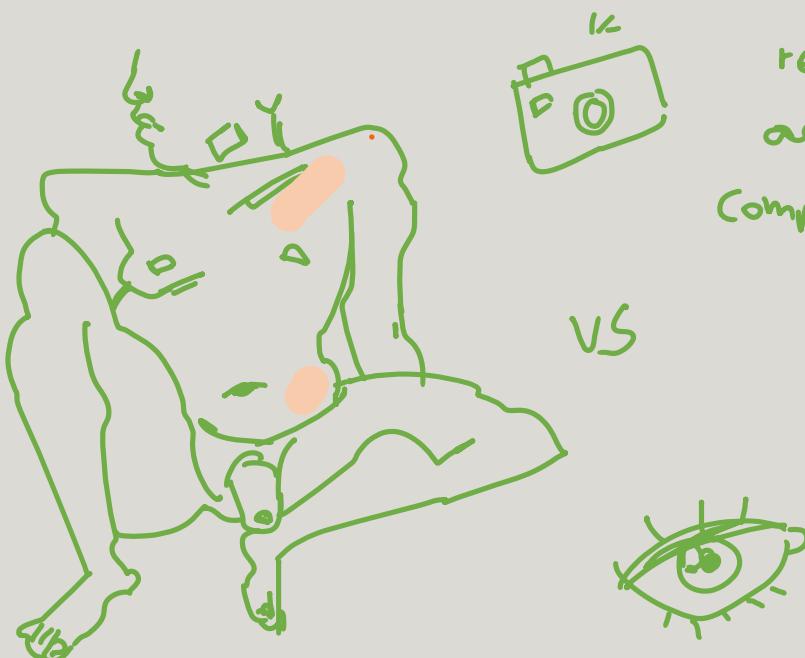
Pensando na capa, papel e como diferentes tipos de materiais interagiriam



Tendo decidido usar o papel contínuo, e notando o quanto ele é frágil, estava pensando em opções de recortes e dobraduras que fizessem sentido

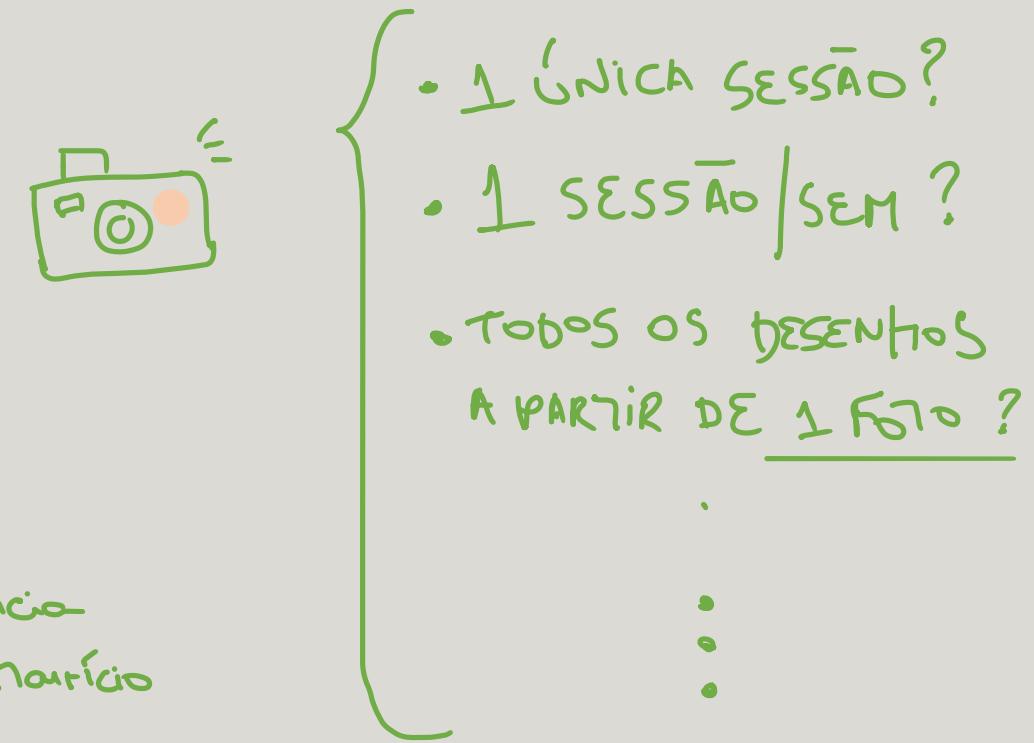
5) Fotos ou modelo vivo?

Minhas primeiras tentativas foram ao vivo, porém logo percebemos que não teríamos tempo de nos ver com frequência suficiente – e Maurício, sem experiência, se entediava e cansava rapidamente. Passamos para as fotos – processo que acabou sendo fundamental para o trabalho, pela confiança que se construiu, as melhores fotos, feitas “entre” poses, e, principalmente, a possibilidade que trouxe de estudar com cuidado cada imagem para encontrar o que ela traria de belo para o desenho.



6) Como organizar a rotina?

Tendo definido o uso de fotos, tive que decidir *como* seria nossa rotina e *o que* eu desenharia. Pensei diferentes formatos – vários desenhos a partir de uma única foto, uma única sessão de fotos, várias – mas acabamos caindo em um formato orgânico. Batemos fotos até o Maurício se cansar. A partir destas, decidi uma seleção de cinco, uma para cada folha – aproveitando o tamanho do papel para fazer desenhos maiores do que estou acostumada. E, quando satisfeitos, partíamos para a próxima.





Apesar de não termos seguido com o modelo vivo, foi uma experiência muito boa. Os desenhos são mais soltos e despretensiosos, pois Maurício não conseguia segurar poses por muito tempo, e eu estava trabalhando sem pressão, só experimentando. As sobreposições ficaram bonitas, e algumas poses ficaram tão lindas que gostaria de revisitá-las em outro momento.

Pós-TCC, estamos planejando fazer novas sessões ao vivo, com poses tanto breves quanto mais longas – ele também gostaria de se acostumar com poses mais longas para podermos fazer desenhos mais complexos ao vivo.



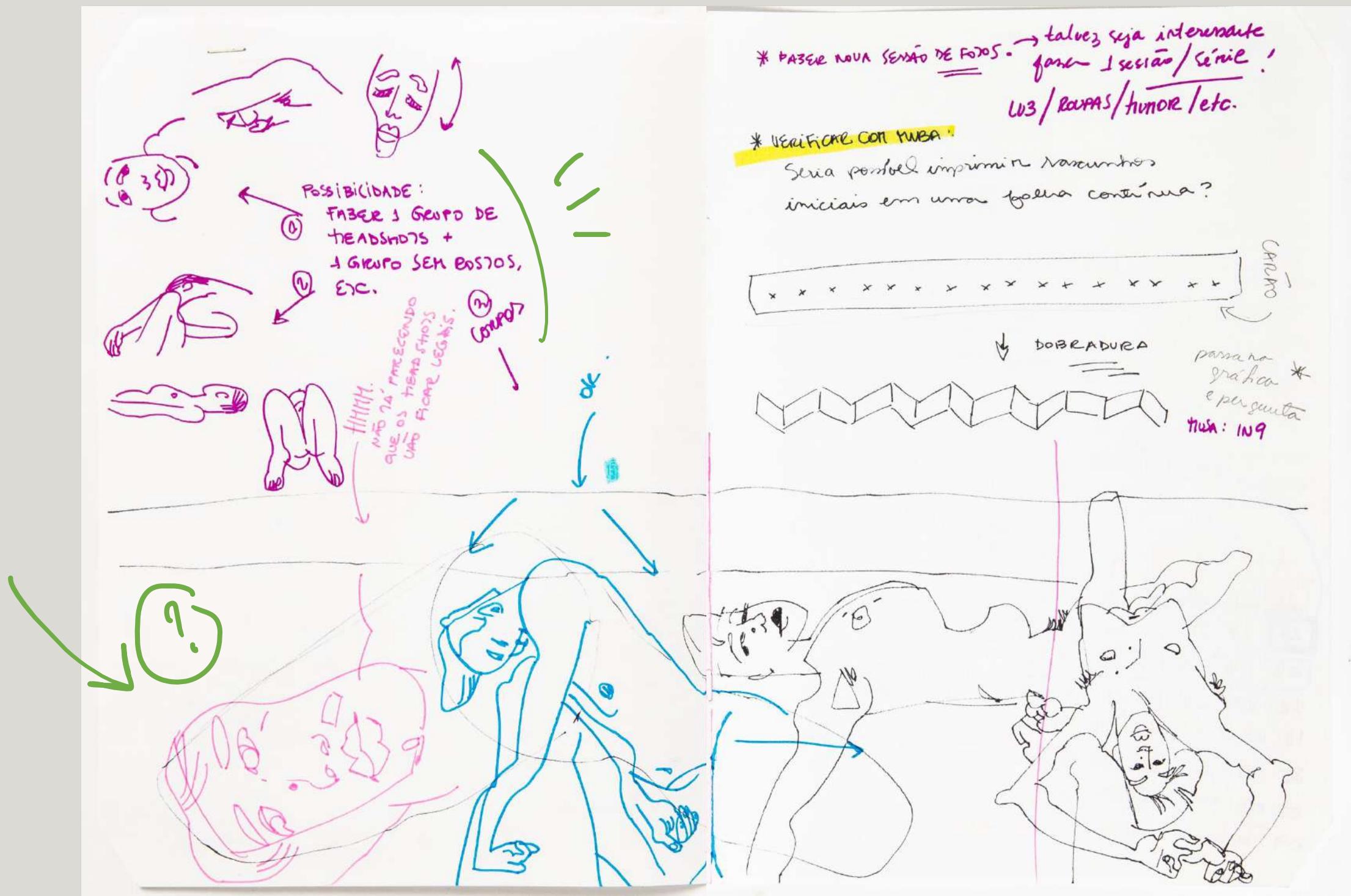
Tivemos também momentos nos quais ele se sentou por alguns minutos para eu desenhá-lo mais intencionalmente – apesar de ele não conseguir segurar as poses por muito tempo, foi uma ótima primeira experiência, tanto para eu aprender a desenhá-lo, quanto para lidarmos com a vergonha.

Algumas vezes levei um caderno de desenho quando ele ia na academia para desenhá-lo correndo ou malhando – os desenhos ficam fluidos, confusos, desajeitados com os movimentos rápidos. Eu adoro.



A escolha das cores foi relativamente simples – fiz alguns testes com as cores mais bonitas que tinha. Queria tons terrosos, mas não tão similares entre si, e tipos de lápis com graus parecidos de maciez e contraste.





Depois de definir como usaria o papel, quantos desenhos teria no total, e quais cores usaria, comecei a fazer alguns estudos de composição – os retratos do rosto, principalmente, foram difíceis – as fotos são lindas, e os estudos também, mas apesar de ter tentado várias vezes encaixar na composição do trabalho, acabei decidindo não os usar.

1) PRODUÇÃO EM SI

O Primeiro Desenho

O primeiro foi o mais fácil – assim que vi a foto, sabia que iria abrir o trabalho. Ela foi “accidental”, quando Maurício se cansou de posar. Jogado, aberto, no colo, *olhando* para você. Eu não queria abrir o trabalho com ele tímido, envergonhado. Aqui ele é um convite e desafio.



Estudos e Rascunhos

Escolher o segundo foi mais difícil. Comecei a fazer estudos das poses, pensando tamanho, enquadramento, detalhes – de todas as fotos, inclusive as que não gostei. Acabou sendo uma forma também de engajamento com todas as fotos, e desenhar poses interessantes sem precisar levar todas para o formato final.

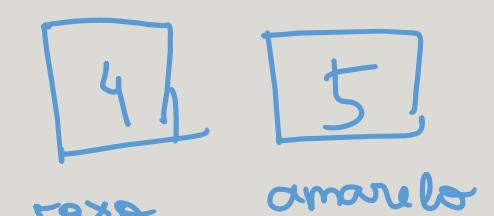


Composição de Estudos

Tendo os estudos em mãos, fui capaz de planejar melhor a composição das séries – queria trabalhar a continuidade do papel através da conexão entre os demais desenhos, que invadiriam as folhas vizinhas e interagiriam com demais desenhos. Assim, pude escolher melhor qual pose melhor interagiria com a outra.



laranja verde azul

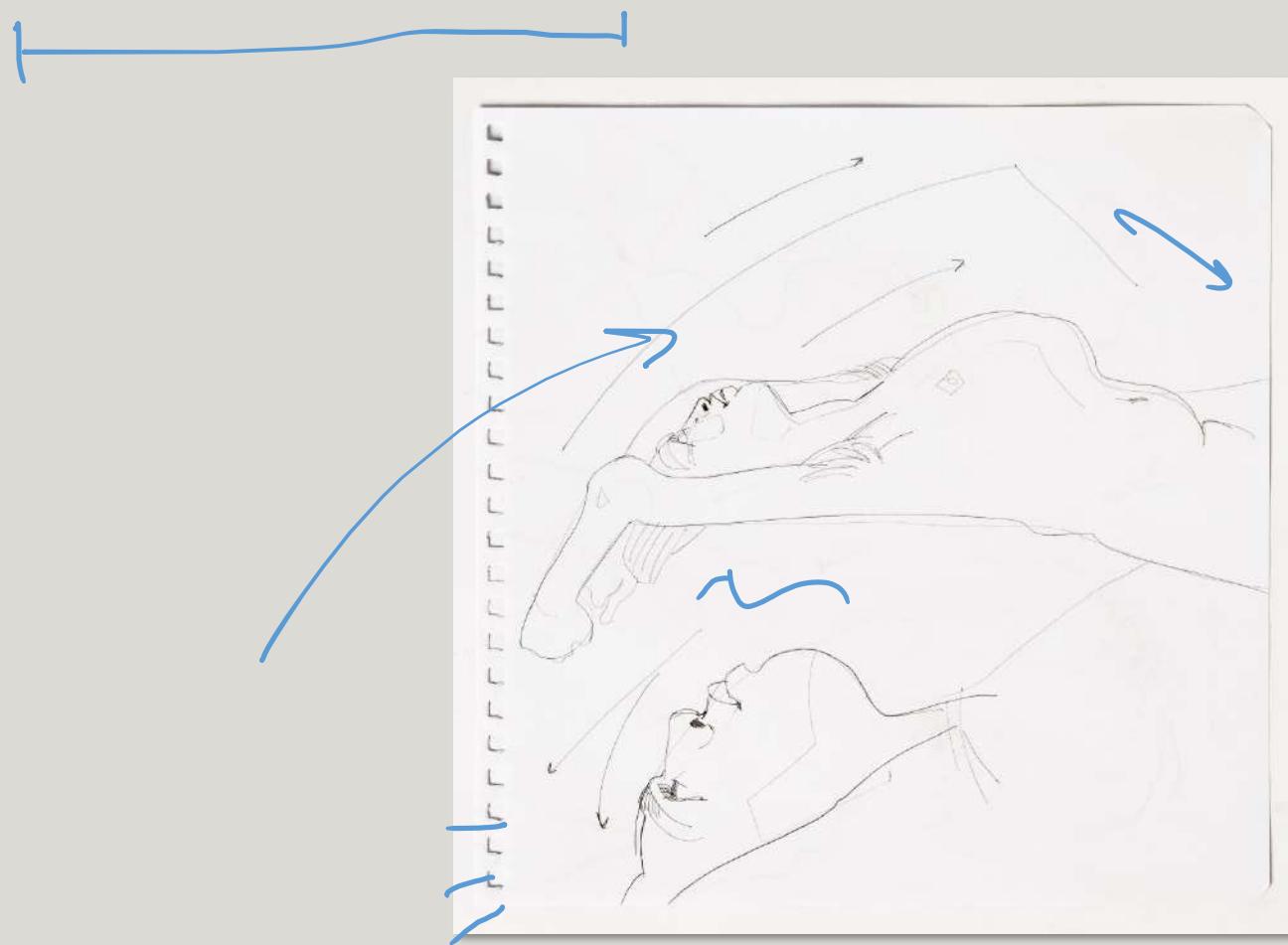
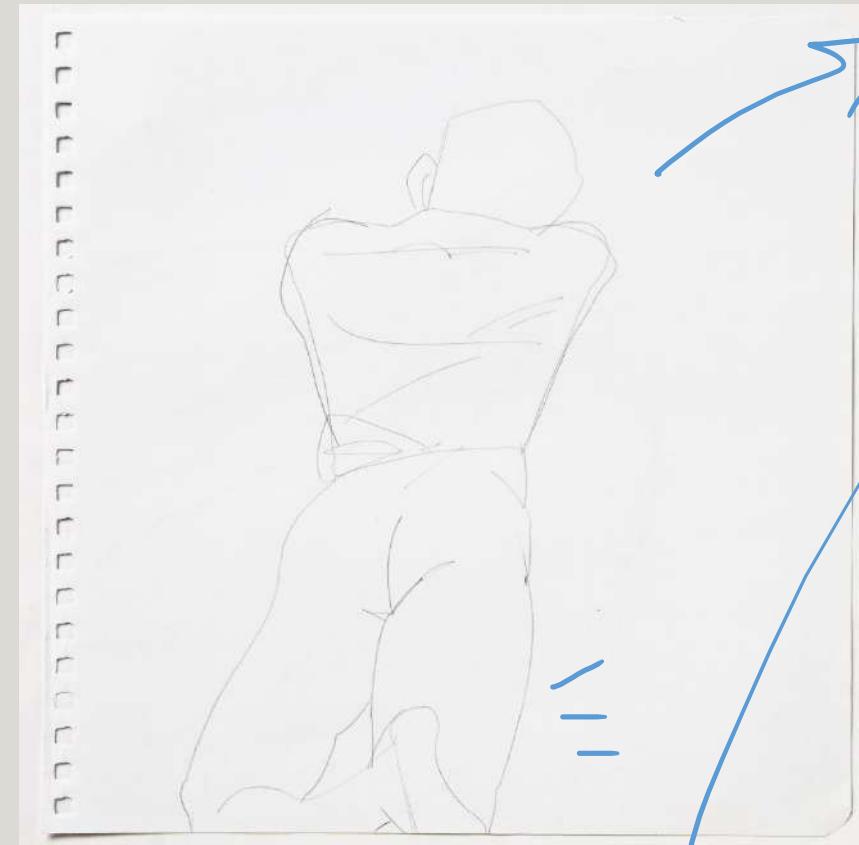
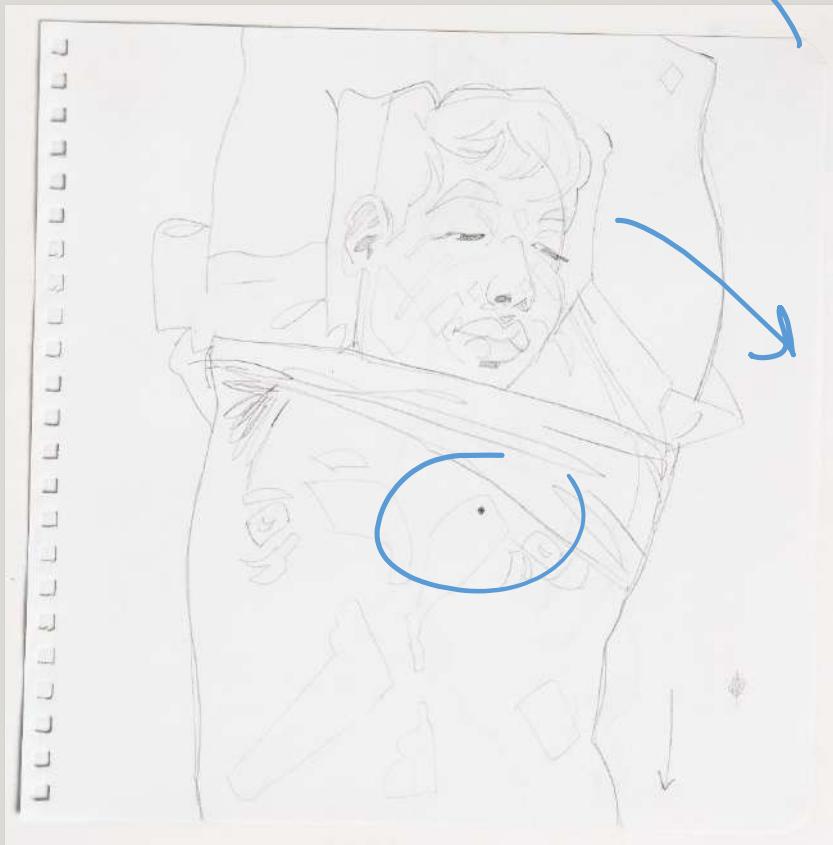


vermelho amarelo

TEMPOS



///





Série 1

A Série 1 teve um foco grande nas grandes linhas do corpo, que eu estava conhecendo ainda. As poses são sinuosas, os desenhos mais rascunhados, e o corpo aparece mais, com “menos zoom”. Acidentalmente, acabei aparecendo na maioria das fotos – e nos desenhos também.

Abrimos o trabalho juntos.



Serie 2

Na Serie 2, acabei abrindo espaço para poses nas quais o Maurício estava mais tímido, submisso, com a Serie 1 já apresentando sua presença de forma mais forte. As poses são mais singelas, e os desenhos maiores – com foco na grandeza do seu torso, na delicadeza da barriga.



Serie 3

A Serie 3 foi baseada numa sessão de fotos feita num dia muito frio, e de noite – o Maurício estava cansado, e mal quis tirar seu casaco. As fotos ficaram expressivas, e o casaco formou grandes áreas escuras e abstratas que contrastavam de forma interessante com a pele delicada dele. Foi o foco da série.

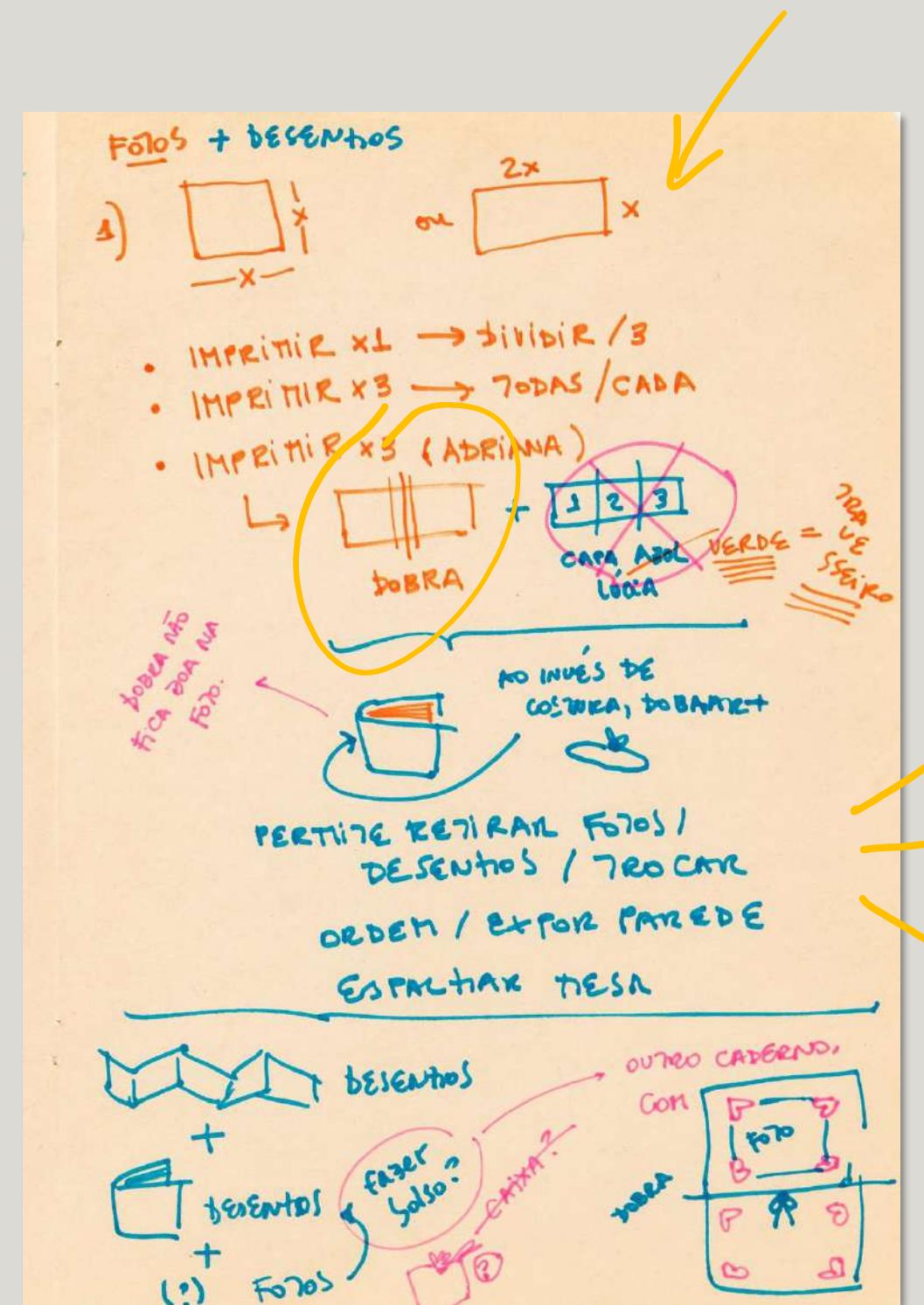


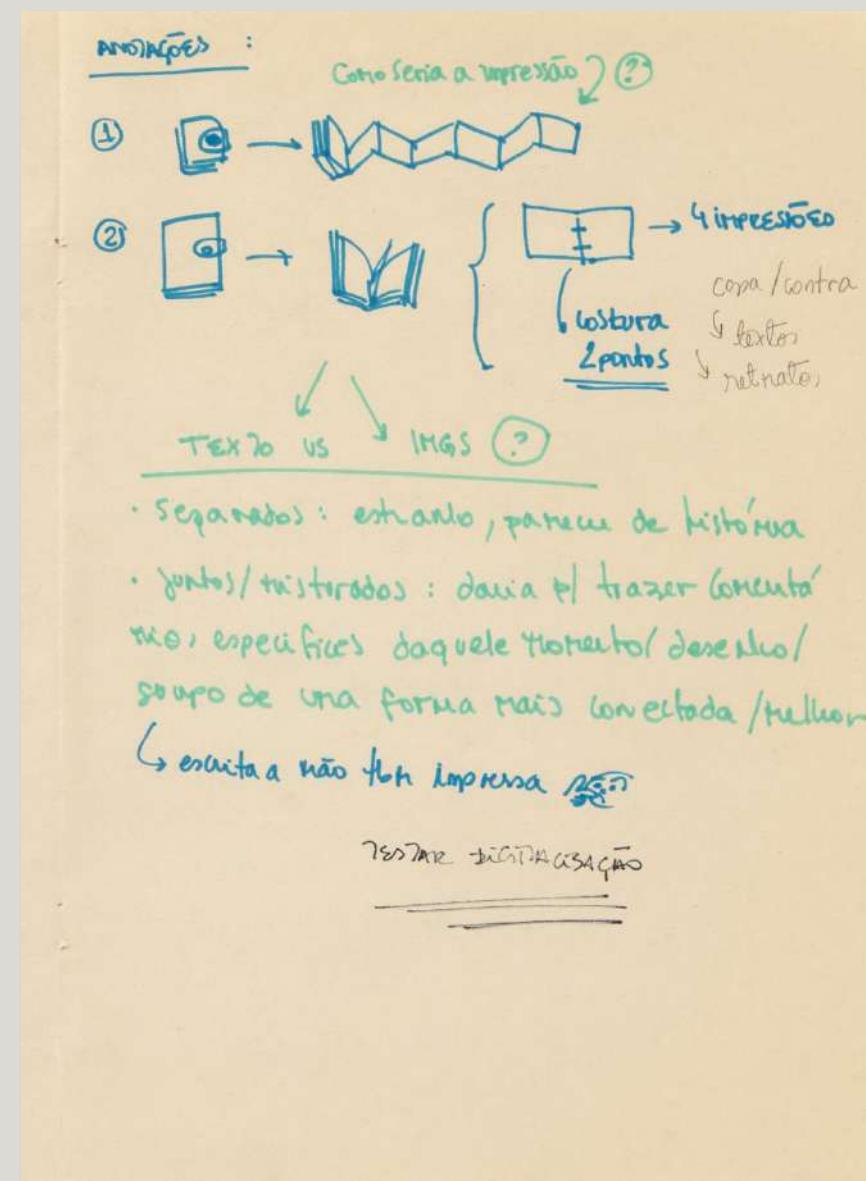
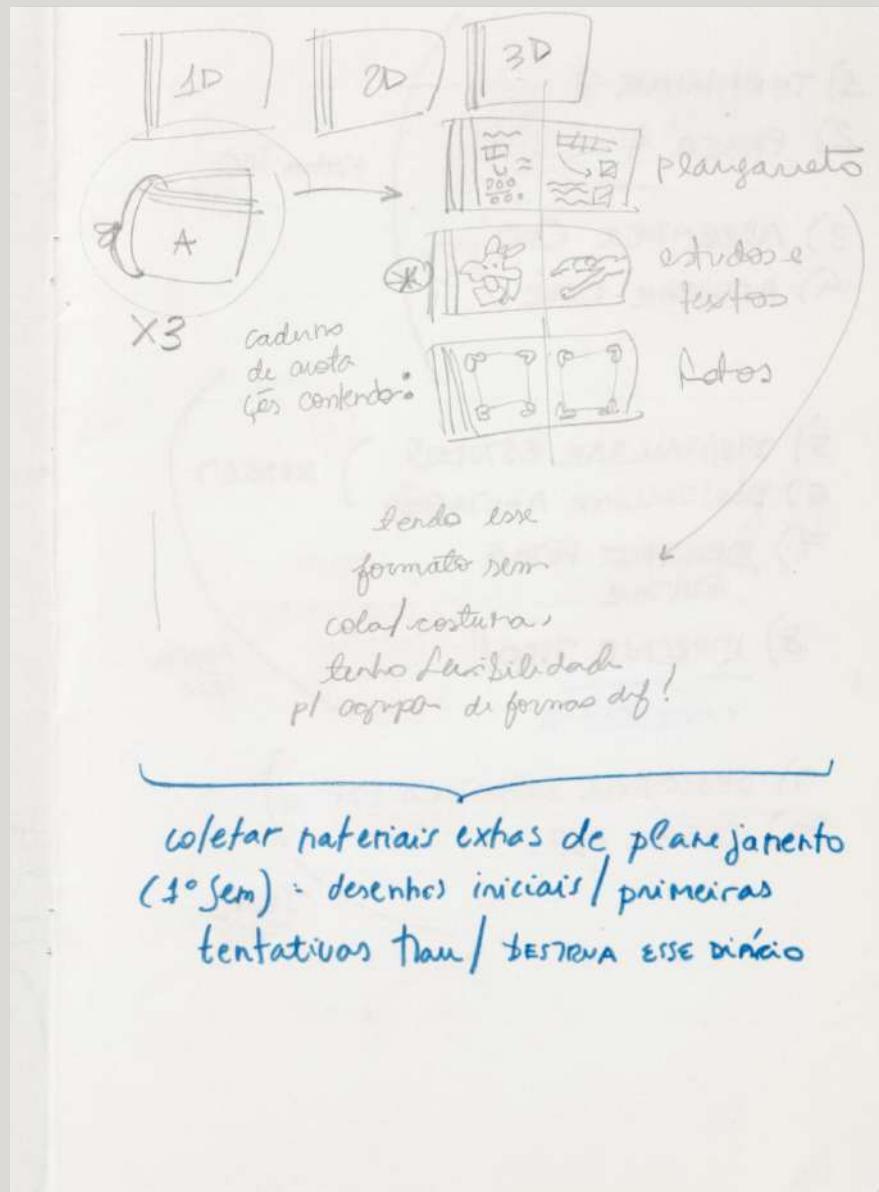


Projetos para o Futuro

Apesar de terem nascido como materiais de apoio para construção do trabalho final – as séries em papel contínuo / sanfonado, os estudos e fotos acabaram crescendo para além desse papel e tornaram algo que é belo por si só, algo que se sustenta.

No futuro, gostaria de imprimi-los separadamente, como parte de um conjunto da experiência do TCC.





Explorei algumas opções de impressões, e provavelmente seguirei com “livros” separados – um para estudos, outro para fotos – impressos em papel pólen, duas imagens por folha, sem nada no verso, e sem costura – o formato de livro se dará somente pela dobradura, e a ordem das imagens poderá ser mudada constantemente – ou, como é minha preferência, poderemos retirar todas do livro e as espalhar pela mesa.

acabei
adorando →
cerâmica

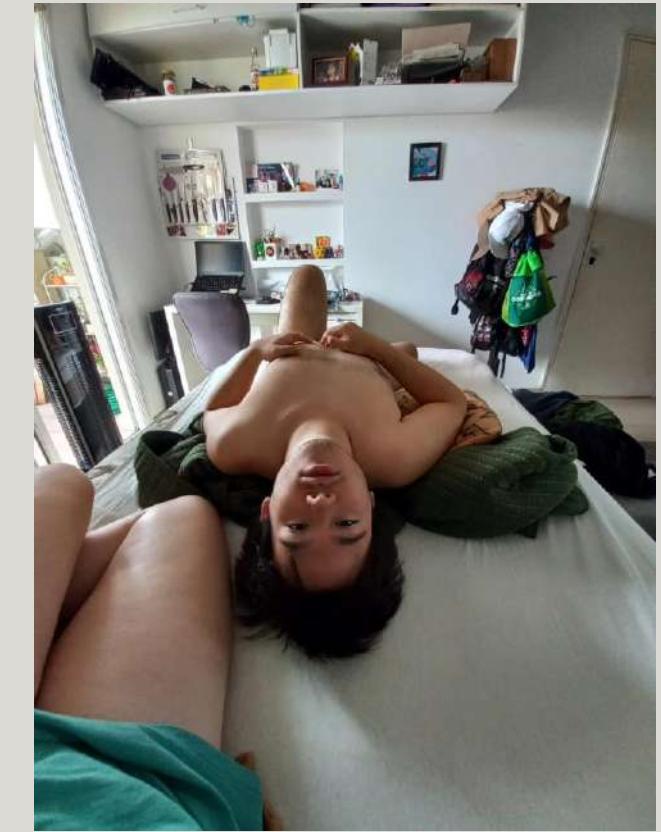


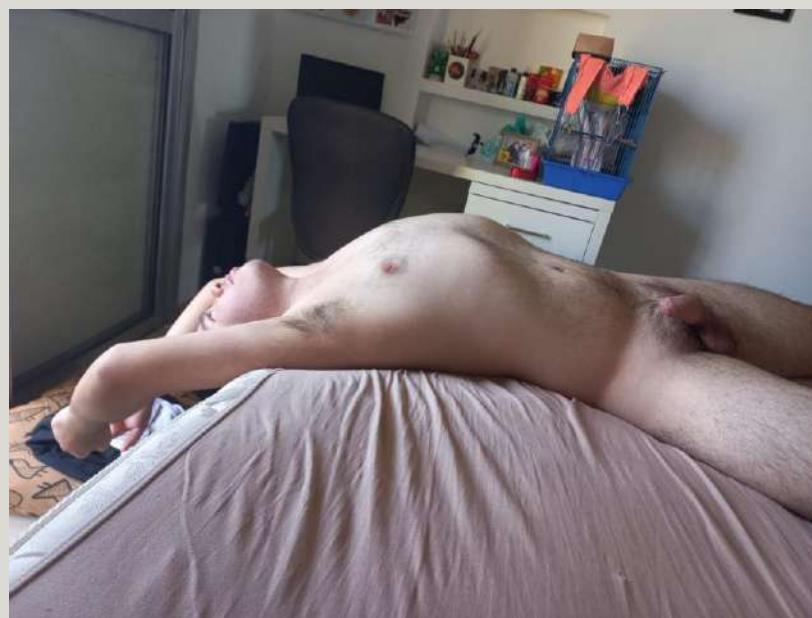
plorando
nos valores

Por fim, gostaria de concluir esta apresentação indicando que acredito ter alcançado meus dois objetivos com este trabalho, em particular meu desejo de reencontrar o prazer de fazer arte. Atualmente, além dos planos de imprimir as fotos / estudos, estou planejando me organizar para reexperimentar materiais como guache e óleo, e até cerâmica – continuando a trabalhar a figura humana no Maurício e, tenho certeza, outros assuntos.

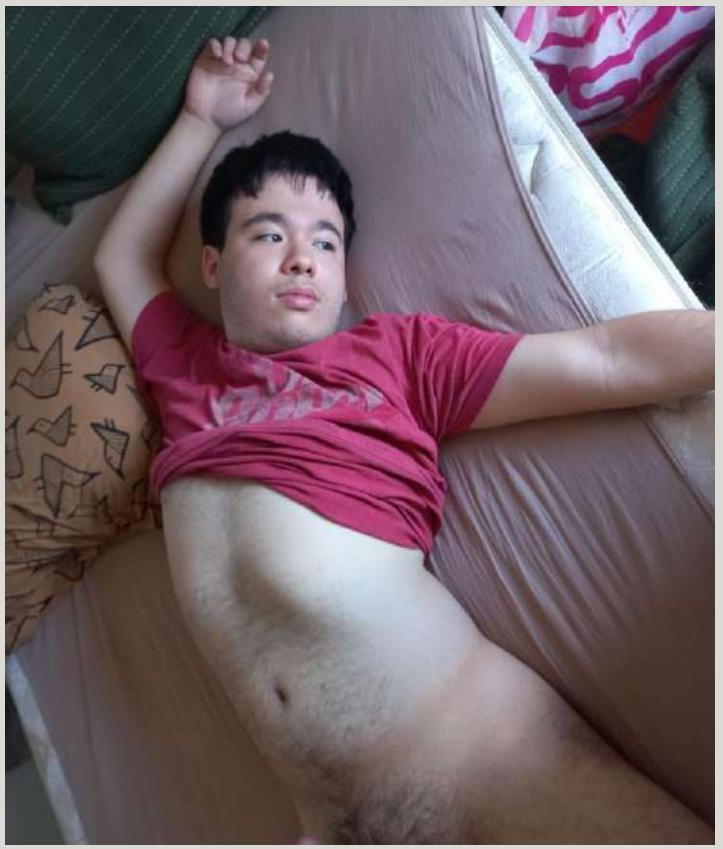
ANEXO 1

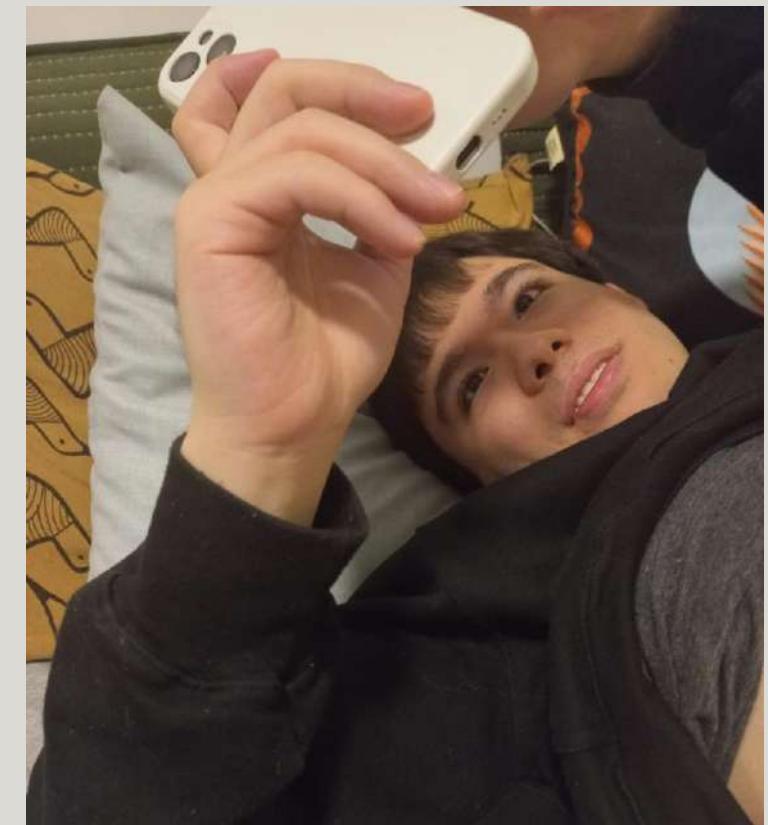
Fotos













ANEXO 2



e a sua boca
dore

aproximado em farto,
e de todo fornecido em forma,
que não encontra forma humana alguma
que seja pacão embriagadora domo.

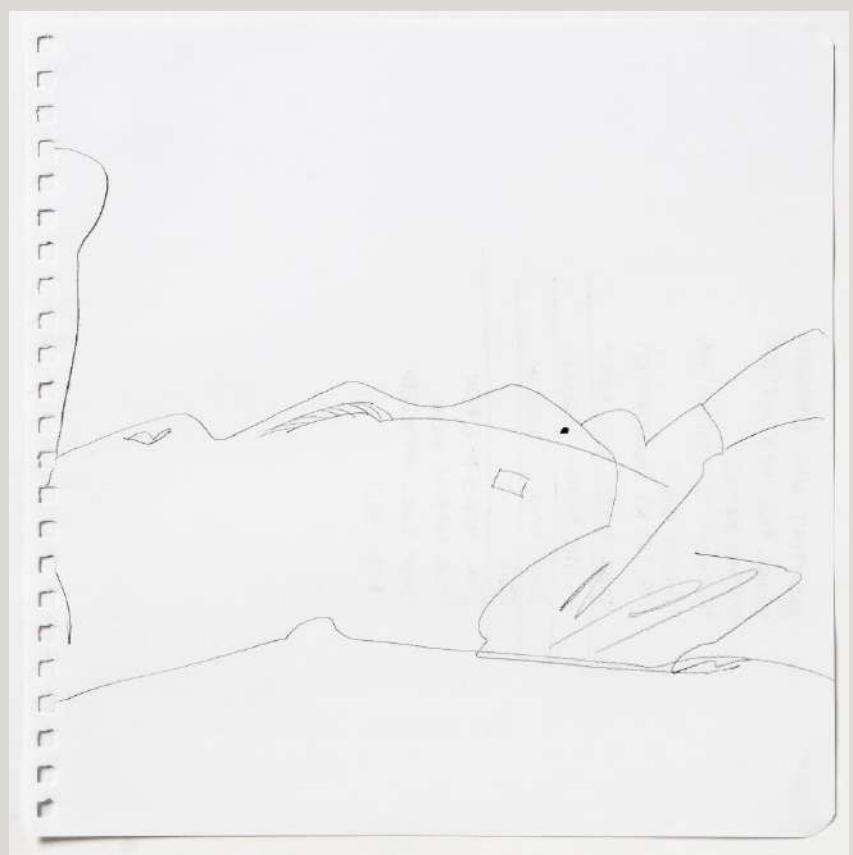


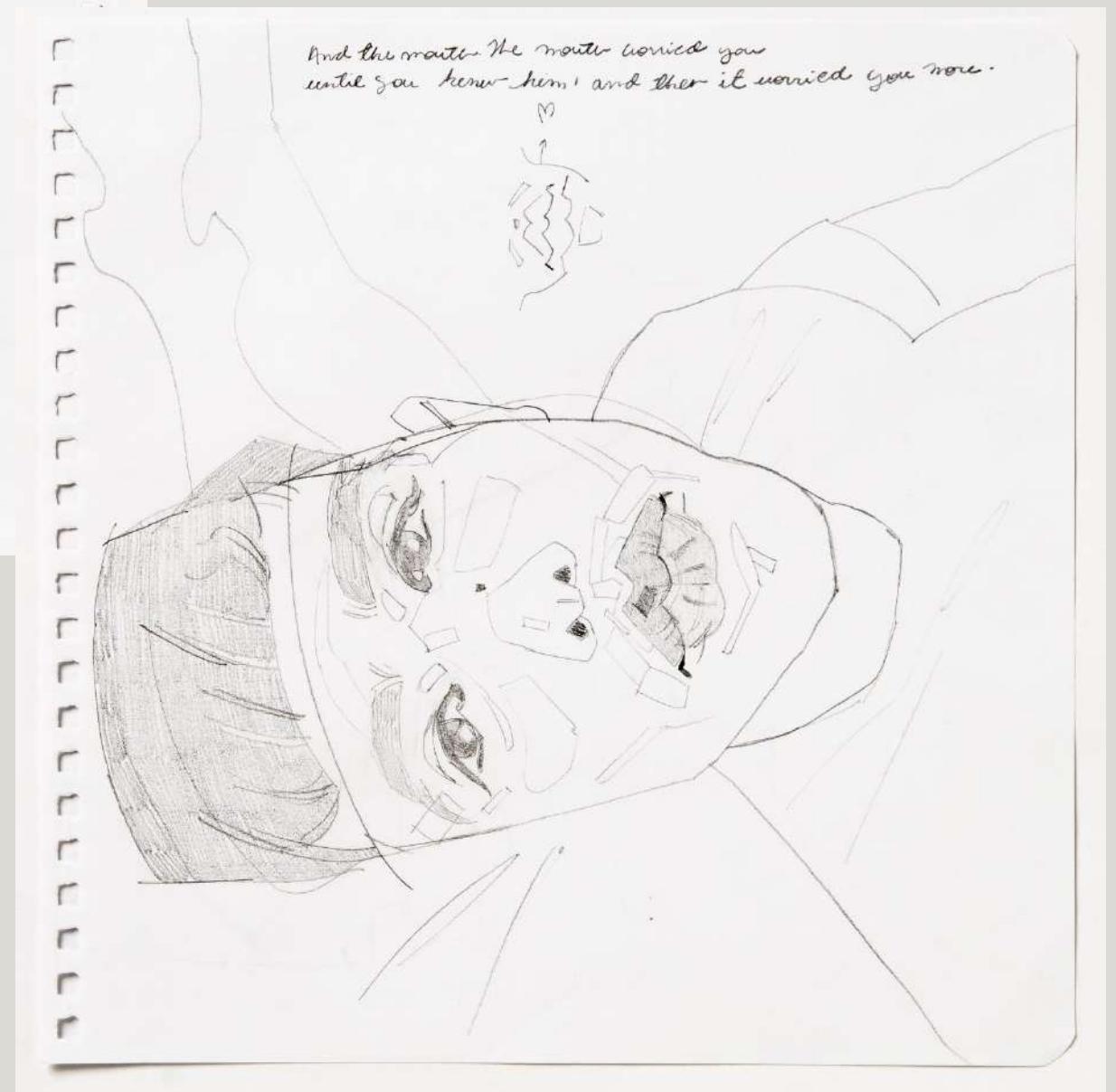


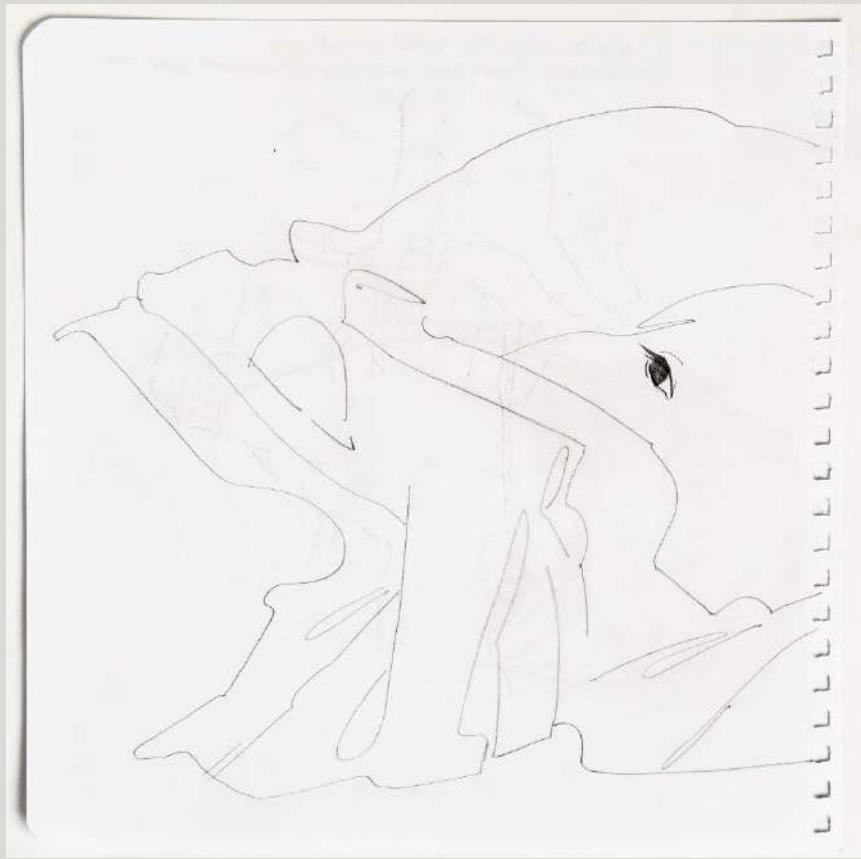


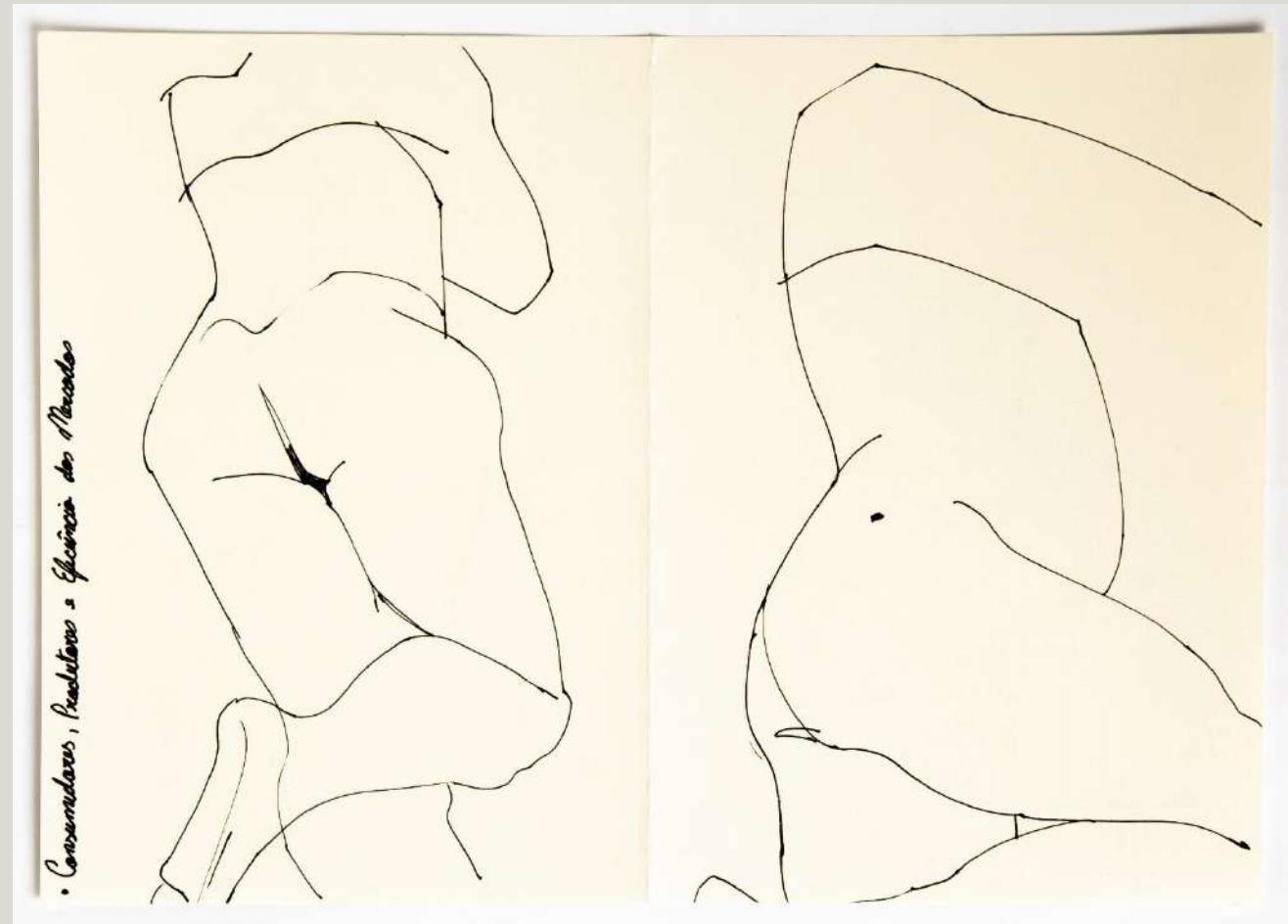












é engajamento sobre como nos serviços prestados não só criam
tentando render compromisso, e encantar o que não pode ser
interessante/bonito de desenhar — mas também tentando apre-
nder a desenhar que. É uma experiência única diferente de
desenhar um roteiro ou que você não consegue, online, etc.
é um desenho que só pode ser feito, ou queia compreender
ele. E só mesmo tentar. Eu não gosto ficar dentro
dele e render o poco da pose / ouro os detalhes / pontos. Não são
detalhos, é eu não queria só desenhar retratos. E há como
desenhar uma ilustração de pessoas com só uma linha que seja o
que é? e no longo do tempo, dei dezenas, ou fiz tre-
sos. Se você acertar a boca no nariz, o formato permane-
ce todo certo — os outros pontos, a brecha, os preos, os
peitos grossos, os detalhes. Você faz uma unha e é a
única.





Uma coisa que eu gosto muito de trabalhar com fotos é como elas acarram me desejando a volta em poses que não me interessavam tanto inicialmente. Como o nosso tempo é tão limitado, ficam muito difícil trabalhar com todos os uns — e também, como que não tenho tempo nenhum, que causa muito rápido traz poses. E eu gosto muito como afoto me observar — ou me convidar — a trabalhar com aquela foto, gostando ou não. E eu acabo encontrando algo bacana em coisas que inicialmente eu não tinha visto ou percebendo de si só, ou sendo da minha proposta original. Os encontros têm algumas belezas muito legais e não riário que só tem de um de nós — poses gastronômicas, ou repercos com coisas muito fortes, coisas animais que eu acho muito legais de qualquer jeito.

